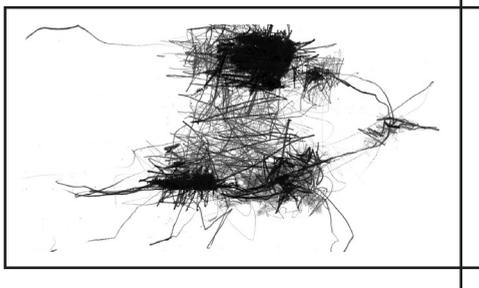
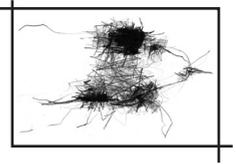


RESENHAS





O CORPO COMO CAPITAL: ESTUDOS SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E MODA NA CULTURA BRASILEIRA

Raquel Gotardelo Audebert Delage*
Carolina Silveira Gomes de Morais*

Organizado pela professora doutora Mirian Goldenberg, o livro *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira* é composto por alguns artigos que tratam de estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira, tendo o Rio de Janeiro como delimitação espacial. A obra é dividida em quatro partes, com dois artigos cada uma delas, onde os autores lançam um olhar atento e diferenciado sobre o corpo dos cariocas e suas representações no espaço social.

Na parte I, "Corpo e Rio de Janeiro", encontram-se os artigos "Corpo como capital" e "Modos e modas de Ipanema".

No primeiro artigo, a autora Mirian Goldenberg analisa os deslocamentos e as particularidades que o corpo, mais propriamente dito o corpo das mulheres, sofreu entre a década de 1960 e os primeiros anos do século XXI. Em todo o artigo, Goldenberg usa o nome de Leila Diniz como um parâmetro para pensar o corpo da mulher na década de 1960 e na atualidade, pois ele foi, historicamente, uma referência de *um corpo revolucionário* a partir do momento em que sua irreverência, potencializada em imagem, passa a ser o símbolo de uma mulher na contramão dos valores tradicionais, uma mulher livre.

A autora sinaliza uma inversão desses valores na atualidade: a imagem de Leila que influenciava pelo seu jeito de ser foi substituída por imagens de mulheres construídas e elaboradas cuja característica maior seria a ausência desse jeito de ser. As mulheres de hoje que conquistaram sua independência e liberdade se veem subjugadas pelo aparato estético ditado por essas imagens, símbolos de beleza e poder: vivem uma falsa liberdade.

A partir de entrevistas realizadas com homens e mulheres, Goldenberg percebe que o símbolo de poder e *status* garantido por um corpo atlético e jovem, pensamento latente na atualidade, é fruto de um aprisionamento do próprio corpo: um passaporte que garante o pertencimento a um nível social superior, o produto/capital adquirido com muito suor.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

O segundo artigo, de Marisol Goia, propõe analisar como o bairro de Ipanema foi e é retratado pela imprensa e pela literatura e as relações estabelecidas entre o bairro e as pessoas que dele fizeram e fazem parte. As fontes de pesquisa da autora pressupõem um discurso hegemônico, já que advindo de um lugar de poder: a própria imprensa que, de certa forma, contribuiu e contribui para a construção da imagem de Ipanema.

Goia compara as pessoas de destaque da Ipanema de ontem e hoje, ressaltando a influência desse *locus* sobre o imaginário perpetuado pelas mídias. As transformações ocorridas no bairro, no decorrer dos anos, também estabeleceram mudanças na própria elite que a constitui: uma elite intelectual do passado deu lugar a uma elite cujo patrimônio maior é o valor financeiro; o valor cultural abriu espaço para o valor de capital. A autora estende esse paradoxo também para a dialética entre a influência das pessoas e do bairro nesses distintos momentos históricos.

Ao analisar a representação do feminino e do masculino nos momentos históricos distintos do bairro, a autora encontra certo antagonismo: se antigamente o jeito de ser desses personagens/corpos de Ipanema ditava a regra, hoje em dia a norma dita a regra do jeito de ser ipanemense.

Na parte II, "Corpo e estilo de vida", Cláudia da Silva Pereira e Olívia Von der Weid analisam e compartilham suas respectivas pesquisas de campo.

Em "Jeito de patricinha, roupa de patricinha", acompanhamos o processo de descoberta da autora sobre a origem e significado do termo *patricinha*. Além disso, o artigo contém uma análise referente ao ser e/ou não ser uma *patricinha* segundo o ponto de vista de cem adolescentes entrevistadas e ainda do conteúdo de *sites* que trazem visões opostas sobre o assunto. A pesquisa ressalta os pontos positivos de rotular uma menina como *patricinha* e os adjetivos indesejáveis que lhes são agregados dentro desse estereótipo.

Em "Troca de casais: gênero e sexualidade nos novos arranjos conjugais", a autora relata sobre a prática do *swing* e compartilha o processo de conhecer e se aproximar dos casais que participam desse contexto. Foram muitas as observações feitas pela autora em seu trabalho de campo que incluiu participações em reuniões e encontros de praticantes de *swing*. Entre os elementos analisados, ressaltam-se a questão das vestimentas, o que se considera traição nesse meio, o corpo feminino e o masculino no contexto do *swing* e algumas manifestações de preconceito, mesmo que latente, observadas ao longo das entrevistas feitas com os praticantes.

A parte III, "Corpo e transformação", se subdivide em "Tatuagem de amor", de Andréa Osório, e "A louridade da loura", de Cesar Sabino.

A primeira abordagem está ligada à investigação sobre as tatuagens feitas para homenagear namorados(as) e esposos(as). Tidas como "tatuagem de amor", essa prática revela, por trás da simples atitude de agradar, uma crença na eternidade do amor entre duas pessoas. Essa contradição percebida por Osório: a fixação de um sentimento mutável por meio da

inscrição visual na pele também pode ter outras motivações, como a relação de poder, gratidão e perpetuação da memória.

A pesquisa de campo foi feita em dois estúdios do Rio de Janeiro, e, nesses ambientes, a autora manteve contato com tatuadores e funcionários, além de clientes que desejavam tatuar o corpo ou apagar/cobrir tatuagens feitas anteriormente. Abordaram-se algumas histórias contadas no estúdio, o significado do local do corpo em que a tatuagem é feita, as relações entre os indivíduos e as tatuagens de amor, o amor romântico e o domínio, e o que leva as pessoas a fazer esse tipo de tatuagem.

O segundo artigo dessa mesma parte está relacionado aos significados de ser loira. Cesar Sabino se baseia em parte de sua pesquisa etnográfica, norteadora de sua tese de doutorado, feita durante o período de 54 meses em academias das zonas norte e sul do Rio de Janeiro. Seu tema principal foi observar o cotidiano dos frequentadores de academia de musculação e fisiculturismo, analisar, particularmente, a questão da loira e o que está por trás do desejo de assim se tornar. Além disso, o autor expõe outras questões relativas ao tema e destaca também o comportamento dos homens nas academias e suas percepções em relação às mulheres loiras.

As preferências masculinas e femininas relativas à quantidade de pelos no corpo, do conceito de *ser/se* tornar loira e até as revelações masculinas feitas em relação às mulheres loiras são abordadas ao longo do artigo. O autor destaca ainda as influências europeias na história do Brasil e as pessoas que são símbolos de sucesso do país. Sendo assim, Sabino destaca que o ser loira ou o ter uma mulher loira ao lado não deixa de ser um símbolo de *status* e poder, ou seja, é uma referência de sucesso e influência em alguns contextos.

Por fim, a parte IV, "Corpo e espaço social", subdividida em "Uma estética da sedução: sensualidade, corpo e moda na dança de salão" e "Fazendo gênero na escola", é resultado da pesquisa e do trabalho de campo de Mariana Massena e Rodrigo Rosistolato, respectivamente.

No primeiro artigo, Massena insere-se no universo da dança de salão para analisar as representações que envolvem e permeiam essa prática. Para isso, realiza suas observações em dois lugares distintos: duas escolas de dança do Rio de Janeiro e os famosos bailes.

O artigo traz três enfoques: o uso do corpo, as vestimentas e as representações presentes nesse contexto. Segundo a autora, os corpos dos dançarinos têm uma força motriz interna que seria o ideal de juventude e vigor latente no corpo vivo que se movimenta, e uma força motriz externa que seria o olhar dos outros, a plateia que motiva toda a *performance*. Esse aspecto de teatralidade está presente no fato de os dançarinos serem vistos assim como na representação dos papéis enquanto dançam.

As vestimentas cumprem um papel que vai além de um bom desempenho dos movimentos, elas simbolizam hierarquia, pertencimento e sensualidade. Essa última, um dos elementos essenciais na *performance* dos dançarinos, é antagonista às regras restritas presentes nos espaços destinados a essa prática.

As representações do feminino e do masculino são envoltas de um ar de romantismo e galanteio. Um retorno ao passado que influencia no fortalecimento das identidades dos praticantes no presente.

No segundo artigo, Rodrigo Rosistolato dirige o seu olhar para o ambiente escolar com o objetivo de pensar como as práticas legitimadas pelas propostas públicas de orientação sexual nesses ambientes repercutem na formação social da masculinidade e da feminilidade dos que ali se encontram. Para isso, vale-se de entrevistas e da observação participante de uma escola municipal da zona norte do Rio de Janeiro.

O autor pontua as transformações históricas que culminaram na adoção de políticas públicas sobre o tema, além de refletir sobre o conceito de juventude e adolescência.

Coloca ainda a submissão permanente do corpo, principalmente do corpo das mulheres, a um algoz, seja ele vinculado à tradição, ao medo ou ao discurso.

É observado que o uniforme dita um pertencimento, ao mesmo tempo que é alvo da impressão das identidades dos alunos, as quais, muitas vezes, perpetuam o engessamento das questões de gênero.

Sobre a sexualidade dos alunos, o autor observa que ambos os lados sofrem suas pressões internas: para os meninos, trata-se de um *status* a ser alcançado; e, para as meninas, é algo de valor.

No projeto de orientação sexual, o discurso é heterônomo, e, para o autor, isso sinaliza que, em um espaço que deveria ser democrático – a escola –, as ações perpetuam a hegemonia do masculino e do feminino, não dando espaço para as diferenças.

Vemos que a obra *O corpo como capital* é constituída de artigos com temas distintos e pesquisas etnográficas feitas em locais diversos, porém todos eles estão condensados e relacionados à temática do corpo, principalmente no contexto carioca. Sendo assim, essa obra é recomendada àqueles que se interessam por esse tipo de análise e desejam se aprofundar num estudo socioantropológico a partir da pesquisa de campo.

Aos que buscam referências de autores como Marcel Mauss, Gilberto Velho, Pierre Bourdieu, Georg Simmel, Gilberto Freyre, Michael Foucault, Roberto Da Matta, entre outros, encontrará nesse livro aplicações e estudos pertinentes relativos a estes.

Sendo as autoras da presente resenha alunas de mestrado, cabe acrescentar a rica contribuição dessa leitura para a futura pesquisa de campo direcionada à elaboração da dissertação, visto que *O corpo como capital* não se limita, em seus artigos, a apenas expor a pesquisa etnográfica, mas sim analisá-la e acrescentá-la à percepção do próprio autor e pesquisador do trabalho.

GOLDENBERG, M. (Org.). *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras, 2010. 176 p.